



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba
ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



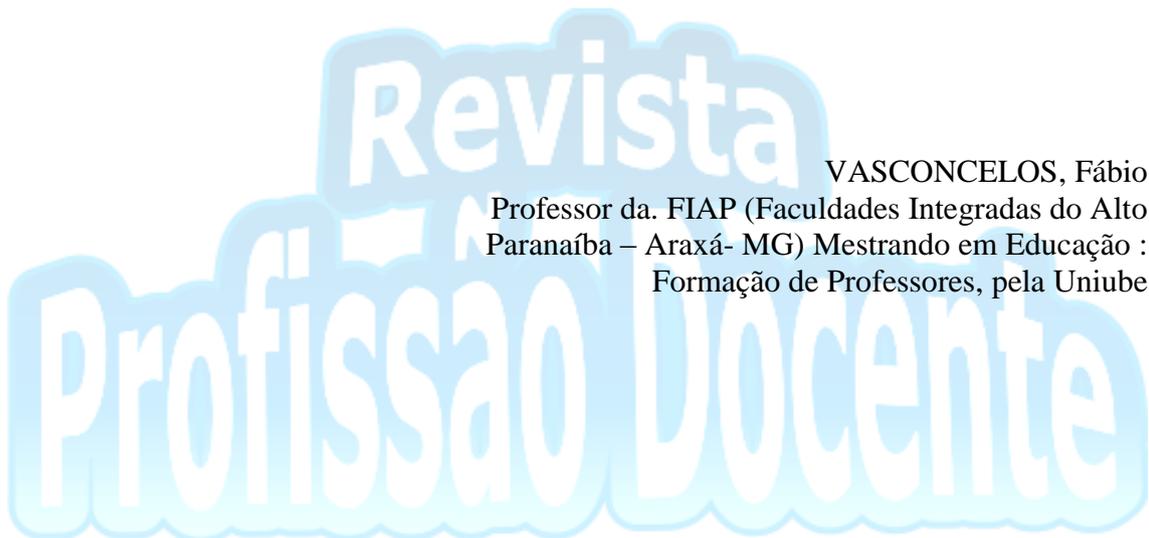
UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

PONTO DE VISTA

A questão linguística e a formação de professores

ANDRADE, Maria Celeste de Moura
Professora da. FIAP (Faculdades Integradas do Alto
Paranaíba- Araxá- MG) Mestranda em Educação :
Formação de Professores, pela Uniube

VASCONCELOS, Fábio
Professor da. FIAP (Faculdades Integradas do Alto
Paranaíba – Araxá- MG) Mestrando em Educação :
Formação de Professores, pela Uniube





Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba

ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

RESUMO:

Este trabalho faz uma abordagem a respeito da interferência da diversidade lingüística no processo interacional em sala de aula, e de como este processo pode ser modificado nos níveis de educação de crianças e jovens , se nos cursos de formação de professores, o discurso explicativo-normativo tornar-se mais interativo, aproveitando a diversidade sócio-cultural como fator de enriquecimento do debate sobre o jogo de poder e saber que ocorre neste espaço assim como na sociedade como um todo.

Palavras-chave: interacionismo, diversidade lingüística/cultural, letramento, inclusão/exclusão.

ABSTRACT:

This text refers to the question of the linguistic diversity and how it interferes in the classroom interaction. It defends the idea that this process can be modified in the children and youth education level if in the teacher's preparation courses, the explanation speech becomes more interactive, taking advantage of the social and cultural diversity as a form of enrichment of the debate about the game of power and knowledge that occurs in this space as well as in the society as a whole.

Key-words: interactivity, linguistic diversity/ cultural diversity, language acquisition, inclusion/ exclusion.



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba

ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

“Esse jeito” de “ponhá grandeza na fala da criança levô ela longe.”
(Mãe da Eliane- E as crianças eram difíceis... *A redação na escola*. Eglê Franchi)

“Já esqueci a língua em que comia, em que pedia para ir lá fora, em que levava e dava pontapé, a língua, breve língua entrecortada do namoro com a prima.”
(Carlos Drummond de Andrade- *Esquecer para lembrar*)

A questão lingüística é, sem dúvida, um dos fatores mais importantes que interferem nas relações em sala de aula e na qualidade de apropriação do saber que aí ocorre. É fundamental que os cursos de formação de professores coloquem em discussão esta questão a fim de instrumentalizar melhor o professor para exercer o papel de mediador destas relações e da produção de conhecimento a partir delas.

Trabalhando há muitos anos em cursos de Licenciatura (Letras, História e Pedagogia), percebemos as sérias dificuldades envolvidas nas relações interacionais em sala de aula. Sem pretender esgotar as questões sociológicas envolvidas neste processo, procuramos abrir o debate sobre este problema, analisando as concepções de educação que perpassam o trabalho educativo e buscar, com nossos alunos, muitos deles já atuando como professores, formas de redimensioná-lo.

Juntos, constatamos a necessidade de vencer preconceitos e propor alternativas coletivas para os conflitos gerados pela diversidade lingüística presente no espaço da sala de aula, sobretudo após a extensão da escolaridade às diversas categorias sociais nas últimas décadas, no Brasil. Esta extensão se deu sem um preparo adequado dos professores para lidar com a diferença e para alterar o discurso usado na escola, o material didático - principalmente o livro texto -, e a própria dinâmica do processo interacional em sala de aula, o que acabou por transformar as relações escolares em situações de dominação e exclusão.

A primeira questão que se coloca neste debate é a da função social da escola. Ninguém discorda da importância de se ampliar a competência comunicativa dos alunos, como forma de ascensão social e da necessidade de se possibilitar o acesso ao

RPD – Revista Profissão Docente, Uberaba, v.1, n.1, p. 86 - 95, jan/abr. 2001 – ISSN 1519-0919



padrão tido como “culto” de linguagem, sem perder de vista as perspectivas políticoideológicas envolvidas. Um ponto de partida para tornar menos conflituosas e discriminatórias as relações em sala de aula é se resgatar o respeito do professor pelo dialeto do aluno, que possibilita a ele manter o auto-respeito e uma conscientização do valor expressivo do mesmo. Um trabalho no sentido de se adequar os diversos dialetos às situações de uso, propicia uma ampliação do significado político dos falares sociais e suas implicações nas relações de poder tanto verticais quanto horizontais envolvidas não só nas rotinas escolares, mas no contexto social mais amplo. Apesar dos inúmeros estudos criticando o mito da carência cultural e verbal das classes populares, o processo interacional em sala de aula está longe de valorizar a riqueza da linguagem dos diversos grupos culturais, com suas regras próprias e as visões de mundo, homem e sociedade nela implícitas. Quando as crianças e adolescentes das camadas populares não aprendem, frequentemente são culpabilizados sem que se problematize as relações professor-aluno presentes no contexto escolar. Exige-se que os alunos e alunas aprendam conteúdos curriculares em uma outra língua que não é a sua, e não lhes é dado o tempo necessário para que elaborem novos conceitos sobre a funcionalidade e finalidade da linguagem.

Além disto a discriminação de sua maneira de falar pode prejudicar sua auto-estima e provocar conflitos que dificultam ainda mais a necessária ampliação e diversificação da mencionada competência comunicativa pretendida pela escolarização.

Outra questão, ligada à anterior é que não se trata de opor cultura erudita e popular, mas de integrá-las, ampliando a experiência cultural concreta dos alunos, respeitando os códigos referenciais que eles trazem, como ponto de partida, mas tendo como ponto de chegada comum, formas de se eliminar a discriminação já imposta pelas injunções sociais. Muitas das queixas dos professores sobre desinteresse e apatia dos alunos e problemas de evasão e repetência poderão ser melhor trabalhados numa



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba
ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

perspectiva interacionista, possibilitando um ambiente bidialetal, muito mais democrático. A escola terá a “cara” dos alunos, os conteúdos e habilidades construídos terão funcionalidade em suas vidas, deixando de servir apenas para responder às avaliações propostas arbitrariamente pelos professores. Serão assim abertas novas formas de interação na escola que por sua vez possibilitarão novas formas de interação na sociedade. O professor tendo tais princípios como norteadores do seu trabalho docente poderá criar espaços e estratégias mais adequados de comunicação em sala de aula tais como os mencionados por Stela Bortoni,(1995): intervenções mais respeitadas nas falas das crianças; esclarecimentos sobre as diferenças entre o português usado para ler e escrever e o usado para conversar; ampliação da liberdade de expressão do aluno e intervenções do professor no sentido não de corrigir, de forma autoritária, mas de mostrar as variações lingüísticas e desenvolver o senso crítico do aluno sobre elas.

Ligada à esta necessidade de se implementar a pedagogia culturalmente sensível a que se refere a autora e que também consideramos prioritária, estão outras questões bastante complexas, com as quais temos deparado, como formadores de professores. Uma delas refere-se à diversidade de condições de letramento¹ dos alunos dos cursos de Licenciatura.. Neles encontramos cada vez mais alunos oriundos de camadas populares que sofreram, eles próprios, os efeitos da discriminação e falta de possibilidade de acesso ao padrão letrado em sua vida escolar pregressa. Temos alunos, nestes cursos, incapazes de ler com compreensão, expressar-se com um mínimo de clareza, redigir mantendo relativa coesão textual. Tais questões, ao não serem trabalhadas na graduação

¹ Usamos aqui o conceito de letramento como “produto das participações em práticas sociais que usam a escrita como sistema simbólico e tecnologia. São práticas discursivas que precisam da escrita para torná-las significativas, ainda que às vezes não envolvam as atividades específicas de ler ou escrever.” (BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa. Brasília: MEC, 1997.



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba

ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

podem impedir o acesso dos seus futuros alunos a novas formas expressivas de linguagem, não por discriminação, mas por impossibilidade de seus professores trabalharem um padrão culto, que também não dominam.

A concepção do que seja aprender, por parte do professor, perpassa todas as questões ligadas ao letramento. Quando o professor está consciente de que todo conhecimento é uma aproximação provisória e limitada do acervo de saber historicamente acumulado pela humanidade, em toda sua complexidade, não se limita a um discurso explicativo em suas aulas e busca desenvolver habilidades práticas de construção e co-interpretação de contextos, o que favorece a apropriação do saber em situações de aprendizagem marcadas pela diversidade cultural. Este aspecto precisa fazer parte também das reflexões coletivas dentro dos cursos de Licenciatura, já que letramento não é apenas uma questão de técnica, mas de ideologia, envolvendo modos de ver e atribuir sentido às coisas. O professor perceberá, assim, a necessidade de alterar a dinâmica das suas aulas, constatando não ser suficiente o discurso voltado apenas para o repasse de verdades dadas como definitivas e neutras, cobradas depois nas avaliações.

Convivemos diretamente com a problemática abordada por Márcia Rech (1996) em sua pesquisa, em que conclui sobre a predominância da prática pedagógica autoritária pela concepção do papel do professor como dono da sala de aula e também do saber como algo a ser transmitido. Os depoimentos apresentados pela autora, a partir de uma pesquisa etnográfica realizada em classes de 5ª série de uma escola pública de Florianópolis, demonstram que as relações em sala de aula ainda são profundamente assimétricas. “Os poucos professores que tentam interagir mais simetricamente com os alunos se vêem cobrados, algumas vezes pelos próprios alunos, a exercer abertamente o poder de controle e dominação em sala de aula, através de enunciados como, por exemplo, “manda ela fazer no quadro”, “xinga ele para ele parar”, diz ela. Observamos que estas relações assimétricas se estabelecem também nas classes de licenciatura e não



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba
ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

se referem apenas à relação professor-alunos, mas à interação dos próprios alunos entre si. Existe um sistema de forças que determina quem pode tomar o piso no discurso escolar, vinculado às posições sociais de prestígio, que são forjadas nesse micro-espço que reflete o contexto social mais amplo.

Estes mecanismos precisam ser discutidos e explicitados, se pretendemos abrir espaço, a partir dos cursos de formação de professores, para novas formas de interação em sala de aula no ensino fundamental e médio. Acreditamos que o quadro interacional das classes de graduação constitui uma espécie de modelo, mesmo que inconsciente, sobre o como agir nos outros níveis de ensino. Alterar o caráter de discurso explicativo-normativo vigente nos nossos cursos de licenciatura, partindo para um outro mais interativo, pode ser um começo. Abrir o debate, nestes cursos, sobre as questões de poder e de saber existentes em nossa própria sala de aula, enquanto professores e alunos da graduação, pode abrir possibilidades de novas formas de interação em classes de outros níveis de ensino. Buscar dados sobre as formas de interação vigentes nas escolas de ensino básico, via atividades de estágio e trocar experiências com os colegas que já exercem o magistério, pode enriquecer bastante este debate. Buscar, para aprofundar a reflexão sobre a realidade observada, a contribuição dos estudos das ciências aplicadas (sociolinguística, etnografia da comunicação, entre outras) torna-se um complemento indispensável, para não nos limitarmos ao senso comum.

Mas, tendo em vista a diversidade de condições de letramento da clientela destes cursos, que dificulta para alguns até mesmo a consulta destas fontes e a chance de ter vez e voz no jogo de poder da sala de aula, este trabalho deve partir de um redimensionamento destas possibilidades (leitura de diversos portadores de textos, interpretação e produção de textos de circulação social diversificada, diferentes usos da



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba

ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

língua, etc.).² Dar a eles mais tempo e oportunidade de contato com a língua padrão, sem desprestigiar a riqueza do dialeto de seu grupo social de origem. Estas iniciativas não vão eliminar o caráter assimétrico das classes de licenciatura, mas entendemos que podem minimizá-lo, abrindo novas possibilidades interativas. Se estas possibilidades, nas classes de formação inicial de docentes, forem redimensionadas, acreditamos que condutas menos autoritárias e discriminadoras possam ser viabilizadas, abrindo espaço para que tanto nós, professores destes cursos, como nossos alunos, desenvolvamos, paralelamente ao processo, cada vez mais uma pedagogia culturalmente sensível.

REFERENCIAS

BORTONI, Stella. Variação linguística e atividades de letramento em sala de aula.

In: KLEIMAN, Angela (Org.). Os significados do letramento. Campinas: Mercado de Letras, 1995, p.119-146.

CUNHA, Maria Isabel da. A aula como espaço da nova construção paradigmática. In: O professor universitário na transição de paradigma. Araraquara: JM editora, 1998, p. 77-99.

FRANCHI, Eglê. A redação na escola: e as crianças eram difíceis. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

RECH, Márcia D. Os alinhamentos discursivos de professores: o estilo institucional (ou formal) e o estilo conversacional. In: MAGALHÃES, I.(Org.). Brasília: UNB, 1996, p.309-319.

² Inês Signorini, (1993) traz uma contribuição interessante para a análise desta questão, ao verificar em sua pesquisa de que modo o nível de letramento dos professores alfabetizadores, apesar de terem todos o mesmo nível de escolarização, não apresentarem o mesmo nível de letramento, variável que ela considera mais relacionada às diferenças de origem sócio-econômica e não às diferenças relativas ao tempo de permanência na escola ou ao tempo de experiência profissional.



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba
ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

SIGNORINI, Inês. Letramento e discurso explicativo. In: As múltiplas faces da linguagem. Uberlândia: Letras e Letras, 1993, p.21-49.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Gramática e interação. São Paulo: Cortez, 1995.

Maria Celeste de Moura Andrade

Professora da. FIAP (Faculdades Integradas do Alto Paranaíba- Araxá- MG) Mestranda em Educação : Formação de Professores, pela Uniube

Fábio Vasconcelos

Professor da. FIAP (Faculdades Integradas do Alto Paranaíba – Araxá- MG) Mestrando em Educação : Formação de Professores, pela Uniube

Artigo entregue e revisado em: 02/02/2001.

